

## A história da cartografia amazônica

Para além da crítica

**David Alejandro Ramírez Palacios**

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/7828>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.7828

ISSN: 2316-7793

### Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Referência eletrónica

David Alejandro Ramírez Palacios, «A história da cartografia amazônica», *Terra Brasilis* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/7828> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.7828>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

---

# A história da cartografia amazônica

Para além da crítica

David Alejandro Ramírez Palacios

---

- 1 Já foi tudo desconstruído. Depois de os sociólogos e historiadores sociais da ciência descobrirem, há cinquenta anos, que os fatos científicos, e por esse caminho, tudo que achávamos ser real, não passava de uma mera “construção social”, *no quedó títere con cabeza*. A natureza, a nação, coisas nas quais acreditávamos ingenuamente, acabaram tornando-se “invenções”.
- 2 Junto vieram os estudos multiculturais, o giro linguístico e a análise do discurso para aprofundar a angústia. Tudo aquilo que achávamos natural, ou até mesmo sagrado, já não eram apenas “construções sociais”, mas construções mentais, narrações, pouco mais que retórica. Não ficou pedra sobre pedra. Tudo foi desmitificado, desnaturalizado, desmanchado no ar.
- 3 Mas isso ainda não era suficiente. Se conhecimento era poder, era lógico que a ciência significava dominação. Ela não era, então, apenas uma construção e uma ideologia, mas um instrumento de opressão. A relação entre ciência (leia-se geografia e cartografia) e ordem social (leia-se colonial), ficou em evidência. Ninguém era mais ingênuo de “acreditar na bondade da ciência”.
- 4 É claro que esse programa de pesquisa renovou e alargou bastante os limites da história da cartografia. De fato, J. B. Harley, o nosso “patrono”, encarnava justamente uma mistura de construcionismo social do tipo Programa Forte de David Bloor e desconstrucionismo francês linha Jacques Derrida. A chamada de atenção para as íntimas conexões entre cartografia e ordem política, nacional ou imperial, que até hoje é uma das questões centrais da área, foi uma das suas patentes. Avaliar a precisão de um mapa antigo utilizando critérios e ferramentas modernas, que era uma das práticas da história “tradicional” da cartografia, passou a ser considerado anacrônico e ficou para atrás para dar passagem a questão do poder e da construção, nos mapas, de um discurso legitimador de uma ordem. A precisão cartográfica – transcendental para boa parte dos cartógrafos que estudamos – passou a ser entendida e desdenhada como parte dos recursos retóricos de apropriação do espaço alheio.

- 5 E assim entramos no século XXI, que trouxe o fortalecimento da chamada “teoria pós-colonial” e dos agora denominados “estudos decoloniais”. Se os livros dos anos 1980 intitulavam-se “a invenção de” (e os da década seguinte “o fim de” – e, logo em seguida, “a reinvenção de”), atualmente não há livro que não se intitule *decolonizing (something)*.
- 6 Mas, é possível “decolonizar” a história da cartografia? Mas como, se não foi justamente a cartografia um dos instrumentos da colonização? “Ah, mas os índios foram fundamentais no processo, pois eram eles que forneciam informações vitais aos conquistadores, informações que, inclusive, foram registradas nos mapas, e sem as quais a colonização não teria sido possível”. Fato. Mas a questão é justamente esta: os conhecimentos indígenas e a sua ordem social foram – mesmo que não totalmente – efetivamente subordinadas ao sistema de conhecimentos e à ordem social do colonizador. Não é justamente isso, portanto, o que precisa ser estudado e compreendido? Como e por que aconteceu assim? Ou, em contraste, é labor da historiografia renegar, denunciar e desejar que tudo tivesse sido diferente?
- 7 Talvez possa haver uma geografia decolonial, entendida como uma ciência e uma prática militante. Mas acredito que não possa haver uma historiografia decolonial, exceto que seja como historiografia contrafactual. A historiografia sobre a colônia é necessariamente historiografia colonial. Seu tema é a instauração da ordem colonial – e as resistências à mesma se se desejar. É a instauração de uma ordem, da ordem colonial, o que tem que ser estudado, compreendido e explicado. Não basta com afirmar de maneira geral e abstrata que “a ciência está intimamente relacionada com o poder” ou que “a cartografia é uma manifestação e um veículo da colonização (ou do capitalismo)”. É preciso, com estudos empíricos, dar conta do *como* exatamente tal ordem foi instaurada e, em nosso caso, do papel *exato* da cartografia nessa história. Não é que a perspectiva pós-colonial ou decolonial esteja errada ao afirmar, não raro com eloquência, a persistência das estruturas coloniais no mundo contemporâneo, inclusive as psíquicas. O problema é pretender que, em historiografia, baste com declarar e corroborar esse fato. Não é que Mignolo esteja errado, é que não adianta seus seguidores repetirem *ad infinitum* o que ele já disse. Não basta afirmar que o geógrafo X, o explorador Y, o cartógrafo Z ou o mapa W são, cada um deles, uma mostra mais, um representante mais, um veículo mais, da ordem colonial, capitalista, branca, europeia e masculina.
- 8 O mesmo ocorre com os estudos sobre fronteiras – caros aos estudos amazônicos. A fronteira é também uma “construção social”, uma “invenção”, “artificial”, “arbitrária”, uma “imposição”, uma loucura, uma aberração, resultado da cobiça e da luta pelo poder. Todas as fronteiras. Mas é suficiente dizer isso? Não haveria que entender como, exatamente, foi construída, *artefeita*, imposta, lutada – e o papel jogado pelos mapas no assunto?
- 9 Ditas posturas, plenas de essencialismo, reducionismo e maniqueísmo, a despeito de não representarem as manifestações acadêmicas mais elaboradas de ditas tendências, estão tornando-se rapidamente a cultura acadêmica dominante, inclusive no nível professoral, o que é empobrecedor e até perigoso para a historiografia de qualidade, baseada em pesquisa empírica. Os historiadores desejamos saber detalhes do *como* e entender os *porquês*. É medíocre e contrário à disciplina pretender conformar-se com a denúncia superficial e anacrônica. Se o colonialismo e a colonialidade são os temas, que sejam, mas a partir de uma perspectiva de pesquisa sólida e com capacidade explicativa além do evidente.

- 10 Alguma coisa deu errado, e nós temos responsabilidade no assunto, quando uma moda como a do terraplanismo consegue se espalhar da maneira que tem acontecido. Se nas universidades ensinamos e repetimos durante décadas que a ciência é “apenas” uma construção, um “discurso” igual a outros, só que diferente pois veículo do poder, não podemos nos surpreender que as pessoas sintam desconfiança em relação à ciência e estejam dispostas a acolher a primeira e qualquer das teorias da conspiração que lhes ofereça o *YouTube*. O terraplanismo, na minha opinião, é uma manifestação, uma apropriação popular, entre outras, do discurso universitário das últimas décadas sobre a ciência. Foi preciso uma pandemia para revalorizar a ciência e ficar evidente o paradoxo que vivemos, e que consiste em que precisamos da ciência para solucionar os problemas que nós criamos também a partir dela.
- 11 Sim, é verdade que conhecimento é poder, e é verdade também que o mundo é uma construção social. Mas lembre-se que “construído” não significa falso – quanto mais construído, mais real –, que “social” não significa apenas os seres humanos – que não estamos sozinhos no planeta, o qual compartilhamos com outras entidades que possuem suas próprias agendas e agências –, e que poder não é sinônimo de dominação – mas pode significar também empoderamento.
- 12 Por que um dossiê sobre história da cartografia amazônica? Ao mesmo tempo em que a história da cartografia cresce, se diversifica e amplia seu alcance, a Amazônia (outra construção social, invenção, imposição, etc.) ganha protagonismo nas discussões acadêmicas, políticas e midiáticas, não só no Brasil e nos países da bacia, mas nos mais importantes foros internacionais. Graves e urgentes questões ambientais, éticas e geopolíticas de alcance global encontram-se em jogo. Quase naturalmente, surgem estudos, mais ou menos isolados, e até seminários dedicados à história da cartografia amazônica, como o extraordinário “Amazônia cartográfica”, organizado pelos pesquisadores Jorge Aponte Motta e Anthony Picón Rodríguez, do Grupo de Estudos Transfronteiriços do Instituto Amazônico de Pesquisas (IMANI) da Universidade Nacional da Colômbia, ocorrido no segundo semestre de 2020 e que serviu de inspiração para a feitura deste dossiê – que conta, aliás, com contribuições de alguns dos seus participantes.<sup>1</sup> Esse seminário e outras manifestações são resultado de um esforço acumulado que vem gestando-se e que está à procura de espaços de expressão e debate.
- 13 A história da cartografia é particularmente poderosa para a compreensão da história territorial, que não trata apenas da delimitação e das dinâmicas das fronteiras – tema importantíssimo –, mas da distribuição espacial do poder, não só daquele que emana do Estado como também o de múltiplos e heterogêneos atores em interação – mesmo que interação assimétrica. Por isso que, não apenas por erudição, mas pela relevância de uma compreensão mais fina e aprofundada do mundo amazônico e por seu potencial na iluminação de problemas atuais – mesmo que a ideia de uma história *magistra vitae* possa soar comum e ingênua a alguns –, acreditamos que vale a pena o esforço de contribuir à proliferação desses espaços de discussão na *Terra Brasilis*.
- 14 Pouparei o leitor do tradicional sumário do número, pois ele mesmo pode consultar a tabela de conteúdos e perceber o interesse, a variedade e a relevância das contribuições apresentadas, fruto do trabalho de um destacado grupo de pesquisadores, sejam eles mais consolidados ou ainda novos nessa empreitada. Não quero sugerir, de maneira alguma, que os autores dos artigos que compõem o presente dossiê, ou mesmo o restante da equipe editorial, compartilham os pontos de vista esboçados acima. A *Terra Brasilis* nunca exigiu de seus colaboradores tal e qual postura teórica ou política e, de

fato, a RedeBrasilis identifica-se mais por afinidades temáticas que por modelos metodológicos ou orientações políticas. No entanto, é um gosto constatar que cada um dos textos que compõem o dossiê não apenas se baseia em pesquisas de arquivo, mas oferece boa escrita e criatividade conceitual e interpretativa.

- 15 Mencionarei apenas os textos concernentes à cartografia amazônica nas seções “Clássicos e textos de referência” e “Documentos, mapas e imagens”. Na primeira delas incluímos dois textos – um de um espanhol e outro de um português, por sinal –, interessantes não apenas pela identificação dos marcos mais salientes da história da cartografia amazônica, nem somente por suas observações originais sobre eles, mas também pelas suas opiniões acerca do papel da cartografia no processo de colonização ibérica da bacia do grande rio continental.
- 16 O primeiro deles é um fragmento do estudo introdutório de Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898) a seu livro de 1889 intitulado *Viaje del Capitán Pedro Teixeira Aguas Arriba del Río de las Amazonas (1638-1639)* (Madrid: Imprenta de Fortanet). Jiménez de la Espada, zoólogo de profissão, é uma figura destacada da historiografia americanista, autor de importantes trabalhos e editor de diversos documentos de arquivo. Fez parte da chamada Comissão Científica do Pacífico, que percorreu a América por mandado do rei entre 1862 e 1865, chegando inclusive, de fevereiro a outubro deste último ano, a descer o Amazonas de Quito ao Pará (López-Ocón e Pérez-Montes, 2000). No citado livro, Jiménez de la Espada edita o manuscrito elaborado pelo padre jesuíta Alonso de Rojas em 1639 intitulado *Relación del descubrimiento del río de las Amazonas, hoy S. Francisco del Quito y declaración del mapa donde está pintado*, que trata da viagem de um grupo de soldados e religiosos espanhóis de Quito ao Pará e da viagem organizada em resposta pelos portugueses liderados pelo capitão Pedro Teixeira até essa mesma cidade – expedição das mais importantes na história das disputas ibéricas na região. No livro, Jiménez inclui o mapa que acompanha o manuscrito, o qual, segundo ele, é uma cópia elaborada na época do original desenhado pelo piloto de Teixeira Benito de Acosta – conhecido em português como Bento da Costa –, mapa que figura na capa do presente dossiê. Republicamos alguns fragmentos do estudo preliminar de Jiménez de la Espada, nas partes em que o historiador espanhol se refere a este e a outros mapas do rio Amazonas, acompanhados dos mapas mencionados pelo autor, localizados nas bibliotecas e arquivos digitais do mundo. Tanto o livro de Jiménez de la Espada, quanto o manuscrito original e o respectivo mapa, encontram-se na Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional da Espanha.
- 17 O segundo deles, escrito por Jaime Cortesão, talvez seja um dos mais conhecidos clássicos na história da cartografia amazônica: o capítulo “A Cartografia Amazônica durante o século XVII”, publicado no primeiro tomo da *História do Brasil nos velhos mapas* (Rio de Janeiro: Instituto Rio Banco, 1965 [1957], pp. 412-420). Oferecemos este fragmento, também acompanhado dos mapas mencionados por Cortesão, os quais puderam ser localizados em diferentes mapotecas digitais, principalmente na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.<sup>2</sup>
- 18 Quanto à seção “Documentos, mapas e imagens”, incluímos, pela primeira vez na história da revista, a análise de uma imagem em particular. Trata-se da viagem de uma família de *patagones* proveniente da iconografia das explorações holandesas no estreito de Magalhães até o mapa do rio Amazonas de Samuel Fritz de 1707, em primoroso artigo da pesquisadora Carolina Martínez da Universidad Nacional de San Martín, Argentina.

- 19 O dossiê, no entanto, possui lacunas. Devemos um artigo sobre a figura e os trabalhos de Isa Adonias, não apenas como bibliotecária, curadora e catalogadora, mas também como pesquisadora. Não se encontram representados todos os países da bacia do grande rio, nem em termos dos temas tratados nos textos, nem em relação à nacionalidade dos autores. As Guianas passaram quase em branco. Todos esses vazios constituem motivos e um convite aos pesquisadores da história da cartografia amazônica a contar com a *Terra Brasilis* como um espaço de encontro, debate e construção coletiva neste respeito.
- 20 Agradeço a Rafael Gomes, coeditor do número, por seu companheirismo nesta empreitada.

---

## BIBLIOGRAFIA

Latour, Bruno (2004). “Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern”. *Critical Inquiry* 30, n. 2, 225-248.

Lima, Sérgio Eduardo Moreira; Coutinho, Maria do Carmo Strozzi (Orgs.) (2016). *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*. 2. ed. Brasília: FUNAG. Disponível na Biblioteca Digital da Fundação Alexandre de Gusmão: [http://funag.gov.br/biblioteca/download/PEDRO-TEIXEIRA\\_EDICAO-COMPLETA\\_17\\_11\\_V\\_9\\_web.pdf](http://funag.gov.br/biblioteca/download/PEDRO-TEIXEIRA_EDICAO-COMPLETA_17_11_V_9_web.pdf)

López-Ocón, Leoncio; Pérez-Montes, Carmen María (2000). *Marcos Jiménez de la Espada (1831-1898): tras la senda de un explorador*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia.

## NOTAS

1. As apresentações estão disponíveis no canal do Grupo de Estudos Transfronteiriços no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UC04t5LmWN95dAA7pwdXILJQ>
2. Recentemente, num importante livro organizado por Sérgio Lima e María do Carmo compilando documentos relativos à viagem de Pedro Teixeira (2016), aparece também o texto de Cortesão acompanhado de alguns dos mapas por ele indicados (um dos quais reproduzimos neste número) e, inclusive, o relato do padre Rojas acompanhado de algumas notas de Jiménez de la Espada. Os documentos reunidos no volume são fundamentais para a compreensão deste transcendental episódio na história do rio.

---

AUTOR

**DAVID ALEJANDRO RAMÍREZ PALACIOS**

PNPD-CAPES – PPHIST-UFPA

Editor Científico

daramirezp@ufpa.br